

# Economia, Política e o atual cenário de Segurança

Isadora Lima Branco\*

## RESUMO

A fim de destacar a importância do desenvolvimento da economia política da segurança para a compreensão da realidade contemporânea, o presente artigo identifica possíveis interrelações entre economia, política e segurança e, posteriormente, analisa o recente fenômeno do aumento dos gastos militares no cenário internacional. Assim, averigua-se a pluralidade de argumentos no âmbito da economia política da segurança que podem ser explorados para explicar a realidade internacional.

**Palavras-chave:** Economia, Política, cenário internacional, Segurança.

## ABSTRACT

In order to highlight the relevance of the political economy of security to the comprehension of contemporaneous reality, this article identifies interrelations between economy, politics and security and, afterward, analyses the recent phenomenon of the increase of the world military spending. Thus, it ascertains the plurality of arguments of the political economy of security that can be explored to explain international reality.

**Key words:** Economics; Politics; International Scenario; Security

\* Graduanda do curso de Relações Internacionais da Universidade de Brasília e atual intercambista na Universidade de Montréal (Udem), foi estagiária na Divisão da Ásia Central e Meridional (DACEM) no Ministério das Relações Exteriores, em 2017. Tem experiência em pesquisa em extensão em relações internacionais, devido às atividades desenvolvidas inicialmente nas temáticas de Direitos Humanos, integração de imigrantes e Política Migratória, como o Projeto de Iniciação Científica da Academia Nacional de Estudos Transnacionais (ANET) e o grupo de ensino, pesquisa e extensão em Direitos Humanos, UMANITÀ, de março de 2015 a março de 2017.

## 1. Introdução

As intrínsecas relações entre política, economia e segurança, apesar de ainda pouco estudadas como matiz do debate de segurança, têm permeado a história mundial nos mais diversos fenômenos. Tais relações ficam claras desde as primeiras reflexões dos teóricos mercantilistas sobre a viabilidade do Estado até as mais recentes dinâmicas de ampliação de gastos militares (RIPSMAN, 2000; SIPRI, 2017). Portanto, com a retomada da agenda de segurança no cenário internacional, a esquematização das possíveis dinâmicas que a relacionam com a economia e a política torna-se ainda mais necessária para uma compreensão mais ampla dos fenômenos internacionais.

Assim, este artigo tem como objetivo identificar no cenário atual as possíveis inter-relações entre objetivos, ações e fenômenos políticos, econômicos e de segurança, bem como de possíveis oportunidades e constrangimentos derivadas dessas inter-relações, destacando a relevância da economia política da segurança para a compreensão da realidade. Inicialmente, portanto, destaca-se a exigência de pré-requisitos econômicos para a concretização de objetivos militares e políticos como uma relação importante entre as esferas, bem como a possibilidade de que ações vistas como essencialmente políticas e militares impactem a economia. Posteriormente, adiciona-se a essa dinâmica, as inter-relações que se colocam em consequência da ampliação da interdependência econômica entre os Estados. Por fim, com base na averiguação de tais possibilidades de interação, explora-se a literatura mais recente em economia política para apresentar as múltiplas explicações ao recente fenômeno de ampliação dos gastos militares e preocupações de segurança no cenário internacional.

## 2. Inter-relações entre política, economia e segurança

Majoritariamente adotada a partir do início da formação dos estados nacionais modernos, a base teórica mercantilista, apesar da diversidade de reflexões, considerava a desenvoltura econômica como necessária para a viabilidade do Estado (RIPSMAN, 2000). Assim, para que um Estado fosse forte e se sustentasse como tal, este precisaria estabelecer suas bases econômicas de poder, especialmente pela acumulação. Para Hamilton (1791), por exemplo, teórico do neomercantilismo (que mantém essa linha de pensamento em uma reflexão sobre a sociedade industrial), a independência e a segurança de um país estariam conectadas à prosperidade de suas manufaturas próprias. Tais exigências econômicas do poder militar, contudo, ficam claras não só nas bases teóricas da economia política, mas também na percepção da importância da disponibilidade de recursos para manutenção das atividades militares, especialmente na Revolução Francesa, visto que grandes projetos imperialistas, costumam exigir uma certa disponibilidade de recursos econômicos para gastos com os salários, com a alimentação dos militares, bem como com investimentos em tecnologia e infraestrutura (RIPSMAN, 2000).

Esta é uma das faces da importância dos aspectos econômicos para as preocupações de segurança dos Estados, visto que certa disponibilidade de recursos é necessária para manutenção dos mecanismos de segurança dos estados. A guerra do Vietnã, por exemplo, exigiu gastos militares significativos (PATOMAKI, 2008). Por isso, por uma decisão política, os Estados Unidos resolveram emitir mais dólares, o que trouxe impactos econômicos relevantes à sua economia nacional, inicialmente, e,

posteriormente, contribuiu como impacto econômico negativo sobre a economia mundial (PATOMAKI, 2008). Dessa forma, a relevância dos aspectos econômicos manifesta-se, em uma de suas faces, na possibilidade de proporcionar objetivos políticos e de segurança pela disponibilidade do orçamento militar, ao mesmo tempo em que a relação inversa se estabelece, visto que atividades políticas e de segurança geram impactos na economia. Assim, as recentes preocupações de segurança relacionadas à percepção de uma possível ameaça russa na União Europeia, por exemplo, teriam motivado o crescimento dos gastos militares na região em 2,6% em 2016 (SIPRI, 2017).

Para além, é possível destacar ainda, como gerador de oportunidades e constrangimentos políticos e de segurança, a interdependência econômica (RIPSMAN, 2000) – conceito derivado das reflexões do liberalismo, que refletiria uma nova relação entre os Estados de dependência mútua como consequência dos “avanços em tecnologia e aumentos nas transações econômicas e sociais” (KEOHANE; NYE, 1989, p. 4). Assim, os Estados podem se aproveitar dessa característica para atingir objetivos políticos e de segurança, por meio de investimentos ou sanções econômicas, esta última utilizada, por exemplo, contra o Irã para forçá-lo a abandonar seu programa nuclear controverso – estratégia que gera impactos econômicos notáveis (RIPSMAN, 2000). Tais sanções, apesar de eficiência contestável por atingir a população e não os tomadores de decisões, teriam gerado consequências intensas na economia iraniana como hiperinflação, queda do PIB e desvalorização da moeda iraniana (MOUSAVIAN, 2013) – o que revela uma das faces da interdependência econômica. A crise de 2008, ademais, contribuiu para esse cenário negativo visto a queda da demanda por petróleo e, em consequência, a queda no

preço de tal produto, o que significa expressiva redução das receitas derivadas da exportação iraniana deste, especialmente se somada às sanções ao país (NAGHSHINEH-POUR, 2008).

Assim, teriam também motivado a elaboração do acordo *Joint Comprehensive Plano of Action* (JCPOA) em que o país faz concessões relativas ao seu programa nuclear (PANDA, 2015) – objetivo político especialmente dos Estados Unidos. Dessa forma, as preocupações de segurança relativas ao programa iraniano geraram impactos econômicos significativos ao Irã, também dificultando o alcance do potencial de exportação norte-americano ao país, implicando perdas estimadas em 170 bilhões segundo estimativas do *Conselho Nacional Iranianan-American* (RHODAN, 2014). A utilização de sanções, como forma de alcance de objetivos políticos e militares – ainda que sob a justificativa de manutenção da ordem – também foi perceptível no recente caso da agressão russa à Ucrânia, em 2014, que, apesar de não ter resultado em alterações significativas da ação política russa, contribuiu para o declínio de sua economia (OXENSTIERNA, 2016).

É possível perceber, portanto, a relevância dos impactos econômicos – possíveis e ampliados com a interdependência e com o transnacionalismo –, visto as possibilidades destes de gerar constrangimentos, inclusive domésticos, sobre a segurança dos Estados Nacionais (ou oportunidades no caso de incentivos econômicos), alterando as dinâmicas de poder, de maneira que economia, política e segurança estão intrinsecamente conectadas (RIPSMAN, 2000).

Tal discussão da economia política da segurança tem desdobramentos dentro do

debate em torno do comércio internacional versus produção interna, especialmente visto que a escolha, ainda que parcial, por algum desses modelos implica em custos e riscos políticos e econômicos. Assim, enquanto, de acordo com a corrente liberal, a liberalização para maior comércio internacional traria maior eficiência da produção, esta poderia vir acompanhada do risco de que adversários parem o fornecimento ou impeçam a entrega tanto de produtos essenciais diretamente à economia do país quanto de produtos relevantes para a segurança deste, prejudicando a economia desse local e, em consequência, sua segurança (RIPSMAN, 2000). Ademais, Lim (2014) destaca custos relacionados ao conhecimento das capacidades militares alheias e como combatê-las, por parte de países exportadores de tecnologia militar. Assim, segurança nacional pode ser compreendida como capacidade de adquirir acesso seguro a recursos, militares e outros, que não sejam interrompidos durante a guerra, o que se realiza seja por estratégias econômicas ou políticas, bem como pela atenção e resposta às possibilidades de que os adversários utilizem-se destas estratégias para prejudicá-lo (RIPSMAN, 2000).

Preocupações de segurança, portanto, relacionadas ao aspecto destacado por Lim (2014), bem como de proteção a impedimentos de entrega, podem estimular o parque tecnológico nacional relacionado à indústria militar por meio de subsídios, tarifas e outras barreiras (RIPSMAN, 2000). Tal característica é identificada, por exemplo, por Oxenstierna (2016), na política russa de subsídios e créditos governamentais às companhias da indústria de defesa, empreendida como compromisso político de Putin a partir de 2011, ainda que implique em custos de eficiência.

### 3. Teorias, inter-relações e o atual cenário de segurança

Em resumo, os impactos econômicos das preocupações de segurança são diversos e inter-relacionados com fatores políticos, o que tem estimulado reflexões provenientes de diversas perspectivas teóricas. A exemplo, tem-se o liberalismo institucional, que considera que o crescimento da interdependência econômica traz maior estabilidade ao sistema por meio das instituições e reduz, portanto, a probabilidade de ocorrência de conflitos (KEOHANE; NYE, 1989). Nessa linha, com o fim da Guerra Fria e, portanto, com o “surgimento” da ONU como grande promessa, perspectivas que previam a estabilidade internacional e a redução de conflitos, como a proposta por Fukuyama (1989), ganharam grande relevância (SIPRI, 2017). Entretanto, tais perspectivas têm sido contestadas, visto as tendências de crescimento dos orçamentos militares, com mais expressão desde 1998, bem como o número significativo de conflitos armados (49) em 2016, verificadas pelo *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI, 2017).

Segundo Susan Strange (1995), por sua vez, tal intensidade de gastos militares relaciona-se com o complexo parque militar-industrial, que precisa ser sustentado, e com a natureza da competição entre os Estados por mercado, em um contexto em que estes não competiriam mais primordialmente por territórios e recursos, mas por mercado. Assim, Estados Unidos (33%) e Rússia (23%) competiriam pelo mercado de importação de armas, ampliado nos últimos anos (SIPRI, 2017). Nesse sentido, os impactos mínimos da crise financeira de 2008 nos gastos militares, estariam ligados às tentativas dos países de sustentar o parque militar-industrial,

utilizando da estratégia justamente de ampliar tais gastos para responder à recessão, numa lógica keynesiana de ampliação da demanda (SIPRI, 2010).

Patomaki (2008), por sua vez, atribui tais elevados gastos militares às dinâmicas internacionais em decorrência do surgimento de um novo imperialismo norte-americano, associado ao neoliberalismo “*self-reinforcing*”, cuja pretensa universalidade é utilizada como “justificativa” para ações unilaterais pelos Estados Unidos. Ambos os fatores, portanto, promovidos em eventos históricos considerados pontos nodais, têm exigido gastos militares com a Guerra ao Terror e com as resistências que surgem contra esta, e indicado, em consequência, a falha do pensamento e prática liberal de que as instituições trariam segurança e estabilidade (PATOMAKI, 2008). A contestação dessa perspectiva, ademais, também é perceptível na prospecção, como cenário ruim, das possibilidades de ampliações de unilateralismos no campo comercial em decorrência do fracasso do multilateralismo exemplificado pela dificuldade de fechamento das negociações da Rodada Doha na OMC (WEF, 2017). A aceitação de tal crise do multilateralismo pela Política Externa norte-americana, aliada aos empreendimentos unilaterais da guerra ao terror, seriam, portanto, vetores de incerteza significativos. Na perspectiva de Patomaki (2008), portanto, a explicação para a ausência de cortes significativos, e inclusive ampliação, nos gastos militares após a crise de 2008 tem foco, em especial, na continuidade dos empreendimentos do novo imperialismo norte-americano no Afeganistão e Iraque (SIPRI, 2010).

É importante notar que a gradual recuperação, mesmo que ainda incompleta, da crise financeira de 2008, que marca o

desempenho da economia global atualmente, tem contribuído para os crescentes gastos militares desde então (SIPRI, 2017). Estes, para além, refletem dinâmicas de poder, que se relacionam com as tendências econômicas e políticas. Como exemplo, tem-se o crescente papel da China, economia com crescimento grandioso, que, apesar de não apresentar transparência em relação aos seus empreendimentos militares, utiliza parte significativa de seu largo Produto Interno Bruto (PIB) para investimentos militares: totalizando cerca de 215 bilhões de dólares nesse setor (1,9% do PIB nacional) em 2016, o que indica crescimento de 5,4% em relação ao ano anterior (SIPRI, 2017). Os elevados gastos militares russos, por sua vez, vão de encontro ao seu pífio desempenho econômico, abalado pela crise financeira de 2008 e pelas sanções resultantes das atividades militares na Ucrânia em 2014. Isso ocorre especialmente devido às intensas preocupações de segurança desse país, o que faz com que tais gastos militares se tornem cada vez mais custosos em termos de escolhas políticas relativas a gastos públicos, como mostrado por Oxenstierna (2016), mas que continuam a ser empreendidos como estratégia de manutenção de algum poderio no sistema internacional.

#### 4. Considerações Finais

Percebe-se, portanto, que aspectos econômicos podem alterar dinâmicas de poder, seja por meio da imposição de constrangimentos e oportunidades relacionados à interdependência econômica, ou seja, pela limitação orçamentária de objetivos políticos e militares, assim como ações, preocupações e objetivos de segurança podem produzir efeitos econômicos relevantes. Afinal, estes fenômenos relacionam-se de maneira complexa às dinâmicas do comércio internacional, das

indústrias militares, dos conflitos e das escolhas políticas.

Assim, as análises de relações internacionais, focadas na temática da segurança, devem estar atentas às inter-relações entre economia e política, que têm se manifestado por diversos mecanismos. O entendimento de tais mecanismos, como demonstrado neste artigo, pode contribuir

tanto para a construção analítica do cenário de segurança atual, caracterizado pelos altos gastos militares, quanto para a compreensão de suas causas e possíveis consequências. Portanto, recomenda-se o aprofundamento dos estudos de economia política no âmbito do Centro de Estudos Estratégicos, bem como a análise da adequação das políticas brasileiras a esse novo cenário de segurança internacional.

## Referências

- FUKUYAMA, Francis. The end of history?. The national interest, 1989, no 16, p. 3-18.
- HAMILTON, Alexander. Report on Manufactures. [S.L.]: Cosimo, Inc., 2007 (1791).
- KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. Power and interdependence. Boston: MA, 1977.
- LIM, Timothy. International Political Economy: An introduction to approaches, regimes and issues. Washington: Saylor Foundation, jun 2014.
- MOUSAVIAN, Seyed Hossein. Twelve Consequences of Sanctions on Iran. Washington: Al-monitor: the pulse of the middle east, 3 de maio de 2013. Disponível em: <<https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2013/04/iran-sanctions-consequences-list.html>>. Acesso em 2 de dez de 2017.
- NAGHSHINEH-POUR, Amir. Iran and the Global Financial Crisis. Mountain View: Payvand, 16 de dez de 2008. Disponível em: <<http://www.payvand.com/news/08/dec/1176.html>>. Acesso em 1 de dez de 2017.
- OXENSTIERNA, Susanne. Russia's defense spending and the economic decline. Amsterdam: Journal of Eurasian Studies, vol 7, issue 1, jan 2016, p. 60-70. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1879366515000287>>. Acesso em 30 nov 2017.
- PANDA, Ankit. The Final Iran Deal is here: what iran gives up, what iran gets. Tokyo: The Diplomat, 14 jul 2015. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2015/07/the-final-iran-deal-is-here-what-iran-gives-up-what-iran-gets/>>. Acesso em 1 de dez de 2017.
- PATOMÄKI, Heikki. The Political Economy of Global Security: War, future crises and changes in global governance. Londres: Routledge, 2007.

PETRASOVA, Marianna. Why did the Soviet Union collapse? Discuss the external and internal factors that you consider crucial for the collapse of the Soviet Union. Londres: University College London, Fevereiro 2003.

RHODAN, Maya. Iranian Sanctions have cost U.S. Economy up to \$175 billion, study says. [S.L.]: Time, 14 jul 2014. Disponível em: <<http://time.com/2981444/iran-sanctions-us-economy/>>. Acesso em 31 nov 17.

RIPSMAN, Norrin M. The Political Economy of Security: A Research and Teaching Agenda. Calgary: Journal of Military and Strategic Studies, 2000, vol. 3, no 1.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE (SIPRI). World military spending: Increases in the USA and Europe, decreases in oil-exporting countries. SIPRI, 24 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.sipri.org/media/press-release/2017/world-military-spending-increases-usa-and-europe>>. Acesso em 31 nov 17.

---

\_\_\_\_\_. SIPRI Yearbook 2017: Armaments, disarmament and International Security. Genebra: SIPRI, 2017.

---

\_\_\_\_\_. SIPRI Yearbook 2010: Armaments, disarmament and International Security. Genebra: SIPRI, 2010.

STRANGE, Susan. The Defective State. Cambridge: Daedalus, vol. 124, no. 2, 1995, p.55-74.

WORLD ECONOMIC FORUM. Global Future Council on the future of International Trade and Investment. From Bad to Worse? The Case for Arresting the Slide in Global Trade Cooperation. Genebra: WEF, jan 2017.